

Música e Telenovela: Uma Análise a Partir do Enredo de Rock Story¹

Paula Beatriz Domingos FARIA²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais –
Campus Juiz de Fora MG

RESUMO

O artigo analisa a presença da música popular no enredo de “Rock Story” (exibida entre 2016 e 2017 no horário das 18h pela Rede Globo), levando em consideração as mudanças pelas quais passou a parceria entre música popular e programação televisiva, o papel conquistado pela música popular na memória afetiva dos telespectadores e o atual contexto da inserção da música nas obras de ficção seriada brasileiras, principalmente quando se fala de música em cena.

PALAVRAS-CHAVE

Telenovela; Trilha Sonora; Música em Cena; Rock Story.

Música e programação televisiva

A bem-sucedida parceria entre a música popular e a ficção seriada brasileira surgiu numa época muito propícia, em que os programas de TV gravados começavam a substituir aqueles que eram feitos ao vivo e as emissoras deixavam de ter uma programação especificamente voltada para a apresentação de intérpretes da música popular e passavam a inserir a música como complemento para suas narrativas. A música funcionava como um pano de fundo para contar histórias, mas, a partir da década de 1970, ela foi ganhando espaço e passou a integrar o contexto das narrativas, funcionando como recurso dramático e até fazendo parte das cenas. Foi desta forma que as trilhas sonoras ganharam grande espaço na TV e ajudaram a Rede Globo a se firmar como maior emissora do país e a alcançar seu “Padrão Globo de qualidade”.

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora, na linha de pesquisa Comunicação e Identidades, pós-graduada em TV, Cinema e Mídias Digitais e graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela mesma universidade. Graduada em Publicidade e Propaganda pela Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora. Assessora de Comunicação, Cerimonial e Eventos do IF Sudeste MG – Campus Juiz de Fora. E-mail: paulabdfaria@gmail.com.

As atrações exclusivamente musicais, outrora tão aclamadas, hoje se tornaram raridades. Na atualidade, observa-se a presença mais intensa da música na TV quando há grandes eventos na área, pois, como aponta Souza (2004, p.120), “a cobertura ao vivo de eventos musicais, como shows e apresentações públicas, também permite entrevistas e reportagens”, ou seja, pode-se atrelar a música a outras atrações e formatos de produção televisiva. O autor também destaca os videoclipes como mais uma das maneiras de integrar a música popular à programação televisiva.

A mudança é visível quando se compara a atual grade de programação do horário nobre da Rede Record – quase totalmente preenchida por telenovelas e programas jornalísticos - com a de 1967:

Segunda – “O fino”. Terça – “Esta noite se improvisa”. Quarta – “Show em Si...monal”. Quinta – Hebe Camargo. Sexta – “Bossaudade”. Sábado – “Astros do disco”. Domingo – “Jovem guarda”. Além do “Show do dia 7”, que reunia o cast inteiro durante três horas uma vez por mês. A Record arrasava as concorrentes todas as noites no horário nobre. Mas os programas começaram a se parecer entre si: os convidados eram praticamente os mesmos em todos os shows, ficava cada vez mais difícil criar alguma coisa diferente e o público começou a se cansar dos musicais. A dupla Miele e Bôscoli conseguiu fazer umas poucas mudanças em “O fino 67”, mas não suficientes para reacender a velha chama. Elis se renovou e se modernizou, mas o programa não, a audiência caía lenta mas inexoravelmente (MOTTA, 2001, p.140).

Nesse contexto, os programas de auditório destinados à apresentação de artistas representantes da música popular tornaram-se escassos, dando lugar à participação da música dentro das narrativas ficcionais televisivas, as telenovelas. Essa transição ocorreu no mesmo período em que a TV Globo se firmava e a TV Record deixava de produzir seus festivais. Hoje, a presença da música na telenovela enriquece a narrativa e ajuda a manter um vínculo de identificação entre personagens e telespectadores, além de divulgar o intérprete das canções presentes na trilha sonora, alavancando sua carreira.

O maestro Júlio Medaglia, que já foi um dos responsáveis pelas trilhas sonoras das novelas globais, comenta a descoberta da possibilidade de utilização da música de forma criativa nas tramas, ajudando a contar a história e não servindo somente como um pano de fundo ou recurso estético.

As pessoas passaram a observar que a trilha sonora podia também ter uma participação dramática. Ela deixou de ser naquele momento um simples trabalho de lubrificação daquilo que o texto e a imagem já

contam [...]. Não só a trilha sonora desenvolveu um trabalho consciente de encontrar soluções para uma sonoplastia ágil e inteligente, mas com o tempo eu passei também (aí vem o segundo estágio do meu trabalho, quando eu recebi elogios) a desenvolver uma filosofia de trabalho da dramaturgia sonora para que ela pudesse participar da narração de uma forma própria, de uma forma criativa, de uma forma diferenciada, porque o som tem características diversas da imagem e do texto (MEDAGLIA, 2000, apud RIGHINI, 2004, p.48).

Há, ainda, espaço para a música nos programas de auditório, mas a forma mais usual de se divulgar a música popular através da TV, hoje, são as trilhas sonoras das telenovelas, principalmente devido a constância de sua veiculação e ao espaço privilegiado que permite ligar a música a situações e personagens, como vimos. A participação da trilha sonora na narrativa das obras de ficção seriada é o assunto deste artigo, mais especificamente o que chamamos de música em cena e o auxílio que este recurso presta à construção do enredo e à caracterização dos personagens.

O impacto da trilha sonora

Um momento marcante da transferência da música popular dos palcos dos programas de auditório para as trilhas sonoras das telenovelas ocorreu em 1968, quando o cantor Roberto Carlos deixou de apresentar o programa “Jovem Guarda”, na TV Record. Quando voltou ao Brasil, após uma viagem à Europa, o rei foi recepcionado com louvação, devido à vitória no Festival de San Remo, e Erasmo Carlos lançava, na “Jovem Guarda”, a música “Sentado à beira do caminho”, que foi um grande sucesso como tema da novela “Beto Rockefeller”. A canção, composta por Roberto e Erasmo Carlos, ao mesmo tempo em que parecia representar a tristeza que os colegas sentiram quando o rei abandonou o programa que fazia tanto sucesso até então, também funcionava como recurso dramático na novela de Bráulio Pedroso, num momento em que os programas musicais com auditório passaram a ter menos destaque na grade televisiva.

O Brasil inteiro cantou com Erasmo, Bráulio Pedroso dedicou praticamente um capítulo inteiro de sua novela “Beto Rockefeller” na TV Tupi, o maior sucesso do momento na televisão, a cenas mudas com o protagonista Luiz Gustavo andando pelas ruas de São Paulo ao som de “Sentado à beira do caminho”, um capítulo clip (MOTTA, 2001, p.163).

Ainda a respeito da força das trilhas sonoras de ficção seriada, um bom exemplo é o capítulo da novela “Laços de Família”, exibida pela Rede Globo em 2001, em que a personagem Camila (interpretada por Carolina Dieckmann) teve os cabelos cortados em decorrência do tratamento de leucemia. A cena ficou para a história da teledramaturgia: à medida que a personagem chorava, o telespectador era envolvido emocionalmente com seu drama e ouvia a música “Love By Grace”, da cantora Lara Fabian, que não era conhecida do Brasil até então. A cena durou mais de três minutos, a música foi a segunda mais executada nas rádios brasileiras e o CD com a trilha sonora internacional da novela foi o mais vendido no país naquele ano. É fácil deduzir que a cena não teria, de forma alguma, o mesmo impacto se tivesse sido produzida sem a trilha sonora, apenas com o som ambiente do estúdio.

José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni (2011), lembra que percebeu que a Rede Globo estava consolidada quando participou, ao lado de Tarcísio Meira, da procissão do Senhor dos Navegantes em Salvador, em 1971, época da exibição de “Irmãos Coragem”, de Janete Clair. Meira interpretava o garimpeiro João Coragem, o protagonista da novela considerada pioneira por atrair o público masculino. Segundo Boni, na procissão havia mais de mil embarcações com pessoas entoando hinos religiosos que foram substituídos pela canção de abertura da novela de Janete Clair assim que seus participantes perceberam a presença de Tarcísio Meira. “De repente, mais de três mil barcos e trinta mil pessoas cantavam, no mar de Salvador, a uma só voz: ‘Irmão, é preciso coragem...’” (OLIVEIRA SOBRINHO, 2011, p.259).

O relato de Boni mostra, mais uma vez, o importante papel da música no contexto das telenovelas, pois foi através de uma canção de abertura cantada por fãs de Tarcísio Meira que ele sentiu que a emissora em que trabalhava era um sucesso. “Nunca tinha visto, em toda a minha vida profissional, uma manifestação tão grande e tão espontânea como aquela. E essa consagração se repetiu em todo o país. A Janete Clair teve que esticar a novela, que acabou com 328 capítulos” (OLIVEIRA SOBRINHO, 2011, p.159-260).

Reforçando as ideias sobre a importância do som nas obras audiovisuais, Marcondes Filho (1988) acredita que a presença da música na TV é importante porque os estímulos sonoros chamam mais a atenção do público do que os visuais e a música na telenovela, por exemplo, funciona como fixadora da atenção. Quando fala das melodias marcantes, Righini (2004) cita algumas estratégias utilizadas para atrelar uma canção a

determinado personagem. Ele enumera as músicas regionais, que são utilizadas para caracterizar personagens de um local específico. É o caso das músicas “Guitarra Baiana”, de Moraes Moreira na novela “Gabriela”, e “Isso Aqui Tá Bom Demais”, de Dominginhos em “Roque Santeiro”. O autor também fala da utilização de determinados instrumentos musicais em trilhas específicas para identificar algum local ou personagem. Sendo assim, o acordeom geralmente identifica o nordeste do Brasil, os conjuntos de rock (guitarra, bateria e baixo) caracterizam a região sudeste (principalmente Rio de Janeiro e São Paulo), a viola está ligada ao ambiente sertanejo, instrumentos relacionados ao choro retratam um Rio de Janeiro antigo, e voz e violão - ao estilo Bossa Nova - retratam as praias cariocas.

Segundo Sodré (1990, p.30), a televisão é um meio de comunicação que “invade, com projetos de absorção, o campo existencial do espectador, oferecendo-lhe um espaço e um tempo simulados”. Seguindo esta linha de pensamento, basta ter sido um telespectador fiel de alguma das telenovelas produzidas nas últimas décadas para detectar a função primordial das trilhas sonoras nestes projetos de absorção.

A Música em Cena

Para Righini (2004, p. 121), trilha sonora é “um conjunto de peças musicais que, embora não tenham ligação direta entre si, procura alguma unidade a partir do clima musical oferecido pelas canções, as quais também são ligadas ao personagem ou personagens, ou mesmo a seu núcleo”. Por outro lado, o mesmo autor também vê a telenovela como um espaço privilegiado para anunciar produtos e conclui que a própria trilha sonora é um produto mercadológico que encontra, na ficção seriada televisiva, um espaço privilegiado para ser divulgado. Ele destaca como aspecto negativo o fato de a trilha musical de uma telenovela funcionar como uma “colcha de retalhos”, ou seja, não possuir uma unidade interna, o que prejudica os aspectos artísticos da obra como um todo e também suas variações no aspecto composicional.

De acordo com o autor, a trilha sonora de uma telenovela é composta por quatro subitens: uma trilha sonora de canções que são comercializadas através dos CDs “nacional” e “internacional” (entre outras variações) lançados no decorrer da trama; as variações destes temas predeterminados; os trechos livres que não se comprometem com os temas anteriormente citados e têm a função de oferecer uma alternativa a sua

limitação (sendo conhecidos como Ufos pelos produtores musicais); e, finalmente, a música em cena, ou seja, a participação dos músicos na cena, em que a captação do som pode se dar diretamente no estúdio na hora da gravação ou os atores e músicos podem gravar previamente as canções, que serão exibidas como se estivessem sendo executadas no momento em que a cena se passa (playback).

A presença de intérpretes e bandas dentro das narrativas é um recurso que tem se expandido nas telenovelas. Em “O Rei do Gado”, por exemplo, Almir Sater e Sérgio Reis, músicos conhecidos em todo o país como representantes do gênero sertanejo, estavam presentes como personagens violeiros, muito semelhantes ao que são na vida real. “Almir Sater favorecia-se da confusão entre personagem a ator, sendo um cantor famoso da região do pantanal e também associado na narrativa à região do Araguaia” (ALMEIDA, 2003, p.368). Antes de “O Rei do Gado”, “Pantanal”, do mesmo autor Benedito Ruy Barbosa, exibida pela TV Manchete, também foi palco para a dupla Reis e Sater e, este último foi o personagem masculino título da itinerante “A História de Ana Raio e Zé Trovão”, da TV Manchete, escrita por Marcos Caruso e Rita Buzzar. Malhação também já teve em seu elenco alguns cantores-atores, são eles: Márjorie Estiano, Mariana Rios e Fiuk, que viveram os personagens Natasha, Yasmim e Bernardo, respectivamente. Os três interpretaram, em diferentes temporadas da atração, personagens que faziam parte de bandas que se apresentavam no decorrer da trama, e todos eles tiveram músicas incluídas nas trilhas sonoras.

Muitas novelas possuem pretextos musicais, isto é, criam núcleos ou situações que permitem a participação, nas cenas, dos intérpretes da trilha sonora. Em “Celebridade”, de Gilberto Braga, a protagonista Maria Clara, vivida por Malu Mader, era promotora de eventos e, por isso, recebia muitos cantores e bandas em seu local de trabalho. Muitas cenas dos shows promovidos por ela também contribuíam com a divulgação nacional dos músicos presentes. Na novela “América”, de Glória Perez, que tinha um núcleo rural, várias duplas sertanejas apareceram fazendo shows. Na segunda versão de “Paraíso”, do autor Benedito Ruy Barbosa, havia um programa de rádio fictício chamado “A Hora da Viola”, que era apresentado por um dos personagens e foi o ambiente da apresentação de alguns artistas. A princípio, podem-se entender estas presenças nas telenovelas como uma maneira de divulgar os intérpretes e não somente suas vozes, tornando-os conhecidos do público, já que sua presença em outros programas, como os de auditório, torna-se cada vez menos frequente.

“Rock Story” e os personagens músicos

Podemos subdividir as situações dramáticas com música em cena entre aquelas em que há uma ligação com determinado tema da narrativa e aquelas em que não há. Neste último caso, não há uma preocupação de correspondência entre as temáticas da telenovela e o tema ou estilo da canção que está presente na cena. Por outro lado, as situações que norteiam o presente artigo são aquelas em que a presença da música em cena está diretamente ligada à história da trama.

É o caso de “Rock Story”³ - trama que retratou o universo da música popular tendo como protagonista um cantor de rock e sendo anunciada como “uma história de música movida a amor e uma história de amor movida a música” - criou todas as oportunidades necessárias para a aparição de intérpretes do universo musical brasileiro, como Tiago Iork, Lucas Lucco, Milton Nascimento, Luan Santana, Paulo Ricardo, Paula Toller e Tony Bellotto. Alguns deles, inclusive, apareceram mais uma vez durante a trama.

Também é interessante a participação dos atores Lázaro Ramos e Taís Araújo, caracterizados, respectivamente, como Mister Brau e Michele Brau, personagens do seriado “Mister Brau”, que também abordou o universo musical. Aliás, a participação de personagens de um programa de ficção em outro tem sido uma estratégia amplamente utilizada pela emissora para promover sua programação e, o intercâmbio entre duas obras que têm a música popular como universo do enredo certamente é uma aposta com grandes chances de acerto. No capítulo citado, por exemplo, Mister Brau canta com o protagonista Gui Santiago (Vladimir Brichta) em uma visita à gravadora Som Discos.

Porém, o maior destaque do enredo foram as aparições dos próprios personagens interpretando tanto canções já conhecidas do público quanto canções que foram lançadas dentro da trama e fizeram parte de seu repertório fictício, com uma

³ A telenovela foi escrita por Maria Helena Nascimento com supervisão de texto de Ricardo Linhares e exibida pela Rede Globo no horário das 19h entre 9 de novembro de 2016 e 5 de junho de 2017.

visível valorização do rock nacional. A telenovela, portanto, apostou na música em cena como recurso para sua composição e sua identificação pelo público.

A trama escrita por Maria Helena Nascimento inicialmente seria batizada de “Sonha Comigo”, título da canção escrita pelo protagonista Guilherme (Gui) Santiago (Vladimir Brichta) e roubada por seu empresário Lázaro (João Vicente de Castro) para ser gravada e tornar-se sucesso na voz de Léo Régis (Rafael Vitti), o grande desafeto de Gui. Porém, numa tentativa de promoção do rock nacional, optou-se por intitulá-la “Rock Story”, que, dentro da estória, seria o nome do álbum de maior sucesso do roqueiro Gui Santiago. Antes mesmo do lançamento do CD com a trilha sonora da telenovela, foram disponibilizadas para downloads digitais as canções “Sonha Comigo”, na voz de Rafael Vitti, e “É nossa hora”, interpretada por Vladimir Brichta.

A oposição entre Gui e Léo enquanto cantores também sugere uma oposição entre os estilos musicais representados por eles: Guilherme Santiago é um roqueiro em decadência que fez muito sucesso na década de 1990, porém, na atualidade, só é lembrado pela mídia como uma pessoa impaciente e muito disposta às confusões, protagonizando cenas inclusive em que usa da violência física contra seus inimigos. Ou seja, sua imagem vai de mal a pior e o público fictício já não simpatiza com ele. Do lado oposto, Léo Régis é um novo ídolo teen, que canta canções românticas e é adorado por seus fãs. Os dois principais pontos de conflito entre os personagens citados são o romance de Léo com Diana (Aline Moraes), a esposa de Gui, e o roubo da música “Sonha Comigo”, composta por Gui com o intuito de obter uma reconciliação com Diana após uma briga. Após o roubo da música, como é Léo quem a grava fazendo grande sucesso, Gui é levado a acreditar que foi ele quem a roubou, o que alimenta ainda mais a rivalidade.

Enquanto Gui preocupa-se em compor suas próprias músicas, Léo preocupa-se com a fama e assume os créditos por canções compostas por outros músicos. Gui parece ter nascido predestinado a ser um rock star, é um músico idealista e criativo que não se importa com o dinheiro, deixando tudo nas mãos de seu empresário. Já Léo vem de origem humilde e se deslumbra com os bens materiais e os holofotes, fazendo questão de ser adorado pelos fãs. Léo sente inveja de Gui enquanto este último sente raiva de Léo e questiona constantemente seu caráter. As comparações entre os dois são inevitáveis durante toda a telenovela.

Não é novidade a colocação em posições antagônicas de personagens rivais em telenovelas. O que chama a atenção no caso de “Rock Story” é, em primeiro lugar, a utilização deste antagonismo para promover o rock nacional e, ao mesmo tempo, dar certa credibilidade à trama por conta da utilização de canções que, se não representam os estilos mais ouvidos no Brasil na atualidade, certamente fazem parte do repertório consagrado de sucessos nacionais num tempo em que não só o estilo, mas também a atitude “rock and roll” foram importantes na formação de uma identidade cultural brasileira. Em segundo lugar, é importante observar que, apesar da tentativa assumida de promoção do rock enquanto estilo musical, a trama não coloca o pop romântico representado por Léo Régis como algo vulgar ou indigno da atenção do telespectador. Pelo contrário, o compositor de “Sonha Comigo” é justamente Gui Santiago.

Para que o telespectador não interprete o rock como um estilo ultrapassado, já que é representado por um roqueiro decadente cuja carreira teve seu auge há cerca de 20 anos, entra em cena a *boyband* Quatro Ponto Quatro, formada por adolescentes que tocam canções de conjuntos que ganharam força na década de 1980. Por outro lado, Léo Régis tenta associar-se a uma DJ conhecida internacionalmente na tentativa de não se tornar “careta”.

Após o roubo do HD com as gravações do novo CD de Gui Santiago (a mando da mãe de Léo), o roqueiro desiste da própria carreira e decide investir na criação da banda Quatro Ponto Quatro, formada por seu filho Zacarias (Nicolas Prattes) e os amigos dele, Nicolau (Danilo Mesquita), Tom (João Vítor Silva) e JF (Maicon Rodrigues); mais tarde, em virtude da doença de Nicolau, Jaílson (Enzo Romani) também entra na banda. A partir de então, são muitas as cenas em que a Quatro Ponto Quatro aparece interpretando diversos sucessos do rock brasileiro das décadas de 1980 e 1990, enquanto Léo Régis aparece cantando sucessos românticos da atualidade.

É visível que as letras das músicas interpretadas em cena ajudam a retratar a trajetória de vida de cada um dos personagens. “Sonha Comigo”, cuja autoria é um dos grandes conflitos do enredo, é uma composição de Guilherme em busca de uma reconciliação com Diana depois de muitas brigas. Na letra, ele assume seus defeitos e pede o perdão da esposa. Mas, com a ideia de que uma música tão romântica não combinaria com a personalidade de Gui, o empresário Lázaro assume que poderá faturar muito mais dinheiro com sua gravação na voz de Léo Régis. Já as músicas interpretadas pela banda Quatro Ponto Quatro vão do pop típico de uma *boyband* até o rock brasileiro

dos anos 80, com canções, por exemplo, de Raul Seixas, Legião Urbana e Titãs. E há uma correspondência entre as situações vividas pelos componentes da banda e a letra, o estilo ou a atitude colocada em cada uma das canções.

Woodward (2009) afirma que as identidades são relacionais, ou seja, dependem, para sua existência, de outras identidades que lhe fornecem suas condições de existência. “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (WOODWARD, 2009, p. 39). Para a autora, a questão identitária envolve sempre relações de poder, inclusive o poder de definição de quem deve ser considerado incluído e excluído. Conforme seu pensamento, a identidade é moldada pela cultura quando esta dá sentido à experiência e torna possível a opção entre várias identidades por meio de um modo específico de subjetividade. Porém, ela lembra que os indivíduos são constrangidos não só pelas diversas possibilidades oferecidas pela cultura, mas também pelas relações sociais.

Uma característica comum à maioria dos sistemas de pensamento parece ser, portanto, um compromisso com os dualismos pelos quais a diferença se expressa em termos de oposições cristalinas - natureza/cultura, corpo/mente, paixão/razão. As autoras e os autores que criticam a oposição binária argumentam, entretanto, que os termos em oposição recebem uma importância diferencial, de forma que um dos elementos da dicotomia é sempre mais valorizado ou mais forte que o outro (WOODWARD, 2009, p. 50).

É visível que, em “Rock Story”, quando se pensa na dualidade rock x música romântica, é o primeiro estilo quem se mostra mais forte. E esta é a grande aposta da trama. Rocha (1995) acredita que a telenovela tem o destino de ser um anúncio em capítulos. Ele vê este gênero televisivo como o principal modelo do mundo relacional e “um espaço privilegiado para juntar tudo com tudo” (ROCHA, 1995, p.176). Sendo assim, ao mesmo tempo em que a trama coloca os dois estilos musicais em oposição e os personifica nas figuras de Gui Santiago e Léo Régis, ela também os aproxima na medida em que os dois universos se misturam com, por exemplo, a composição de uma música romântica pelo roqueiro protagonista. Ainda assim, fica muito clara a homenagem que a trama faz ao rock nacional, estilo que não alcança as “paradas de sucesso” há vários anos.

Woodward se baseia nos argumentos de Derrida, para quem as oposições binárias são um meio de fixação dos significados e também uma forma de garantia da

permanência das relações de poder existentes. Assim, há, em certo grau, um consenso entre os membros de uma sociedade sobre como classificar as coisas para manter uma ordem social. Conforme Woodward, o que compreendemos como cultura está relacionado a estes sistemas de significação partilhada.

Alguns relatórios de estudos de recepção comentados por Hamburger (2005, p.151), mostram que a interação entre personagens e atores é complexa, pois “associações previsíveis, do tipo ‘telespectadoras negras se identificam com personagens negras’ e ‘brancas com brancas’ frequentemente dão lugar a combinações de elementos díspares que sinalizam a busca da composição livre de perfis sociais”. Encontramos aí indícios da relevância da diversidade dos aspectos culturais e cotidianos das pessoas enquanto receptoras das produções televisivas, mesmo com as transformações ocorridas nos últimos anos, que poderiam indicar um empobrecimento das narrativas, pois as apropriações que os telespectadores fazem do conteúdo das telenovelas escapam aos critérios adotados em sua produção.

Segundo as correntes ligadas aos Estudos Culturais, a maneira como os diversos públicos recebem e entendem aquilo que a mídia oferece é diferenciada de acordo com as vivências, concepções e práticas comportamentais de cada telespectador. Daí a relativização da disputa entre o rock e o pop *teen* representados por Gui e Léo. Seria bastante arriscado fazer uma crítica clara ao estilo representado pelo personagem de Rafael Vitti em uma época em que é visível o sucesso de artistas com o mesmo perfil. Por outro lado, nada impede que se faça uma ode ao rock nacional, ainda que ele não esteja em alta na atualidade.

Há ainda em “Rock Story” outros personagens cantores, como a dupla Miro e Nina (Guilherme Logulo e Fabi Bang) e a cantora Laila (Laila Garin), ambos contratados da gravadora Som Discos, que pertence ao pai de Diana, Salomão (Herson Capri), conhecido como Gordo, e é uma das principais ambientações do enredo. Os personagens citados acima não são apenas figurativos para tornar o contexto da trama verossímil, já que o telespectador também se vê envolvido nos conflitos de Miro e Nina: uma dupla que conquistou o sucesso como irmãos, mas que na verdade é formada por um casal de namorados, que esconde a verdade do público com medo da rejeição. Já Laila é uma antiga namorada de Gordo e a união dos dois e o investimento dele na carreira dela também são abordados.

Enfim, o mundo da música popular é o ambiente da trama de “Rock Story”: como foi dito, a gravadora Som Discos é um dos principais espaços onde o enredo se desenvolve, já que é a gravadora responsável pelas músicas de Guilherme Santiago e também da banda Quatro Ponto Quatro. Em contraposição, Léo Régis é contratado da gravadora concorrente, a Radical Music, da qual se torna sócio e passa a tentar contratar os artistas da Som Discos, depois que Diana o abandona no altar. Além disso, a mocinha foragida, Júlia (Nathália Dill) é bailarina e torna-se a coreógrafa da *boyband* Quatro Ponto Quatro.

O enredo traz muitas cenas de gravações de clipes, festas e recepções na gravadora, fãs aplaudindo e perseguindo os personagens cantores, Gui comendo e, principalmente, cenas de ensaios e shows. E é este o contexto que proporciona, como foi dito acima, a participação de diversos intérpretes do universo real da música popular. Na trama, há tanto a participação de cantores que fazem sucesso na atualidade (Lucas Lucco e Tiago Iorc, por exemplo) quanto os representantes do já não tão jovem rock nacional. Contudo, as participações destes últimos dão ênfase ao papel do rock na cultura brasileira. Paulo Ricardo, por exemplo, participa de uma cena como ele mesmo entregando uma homenagem a Gui Santiago durante uma festa de comemoração dos 20 anos de lançamento do álbum “Rock Story”. Temos aí uma metáfora do sucesso do protagonista simbolizando a história do rock nacional.

Sabemos que a música em cena já não é uma novidade nas obras de ficção seriada. Ela vem sendo utilizada em maior ou menor grau na maioria das telenovelas exibidas nos últimos anos, tornando-se mais visível, é claro, em enredos que possuem personagens músicos ou que têm o universo musical como ambientação. É inevitável, por exemplo, pensar em “Rock Story” enquanto trama desenvolvida em um ambiente musical sem lembrar de “Cheias de Charme”⁴. Na telenovela em questão, três empregadas domésticas gravam um clipe musical em que reclamam dos maus tratos por parte das patroas. O clique ganha sucesso na internet e o grupo torna-se famoso, o que, assim como em “Rock Story”, permite a ampla utilização da música em cena e a participação de vários cantores da vida real.

Porém, uma diferença é notável entre os dois enredos citados: enquanto “Cheias de Charme” prioriza nas músicas em cena o estilo musical mais popular e conta

⁴ Telenovela escrita por Filipe Miguez e Izabel de Oliveira e exibida pela Rede Globo também no horário das 19h entre 16 de abril e 28 de setembro de 2012.

com a participação de artistas de grande sucesso nacional no momento de sua exibição, “Rock Story” arrisca ao priorizar a exaltação ao rock, estilo que há alguns anos não alcança as “paradas de sucesso”, e a participação principalmente de seus representantes no cenário musical da vida real. Pode-se deduzir que “Rock Story” representa uma fase da teledramaturgia em que a utilização da música em cena já se consolidou e a preocupação já não é somente utilizar o que já é sucesso no momento para impulsionar a audiência da telenovela, mas também o contrário: utilizar a popularidade da telenovela para promover (ou reavivar o sucesso de) artistas e estilos que tiveram papéis importantes na recente história da música popular brasileira, mas que perderam espaço na mídia para outros estilos.

Através das características musicais de “Rock Story”, são percebidas as contribuições que a música popular pode trazer para o enredo das telenovelas, principalmente quando se trata da música em cena, pois os próprios personagens ganham o poder de mostrar suas personalidades e seus conflitos utilizando a música como recurso. Não se trata apenas de um intérprete que, não estando presente visualmente na trama, empresta sua voz para embalar alguma cena.

Considerações Finais

Em “Rock Story”, a música não se restringe ao pano de fundo associado a algum núcleo ou personagem, ela é necessária para que o telespectador conheça e identifique este personagem. Se antes havia atrações exclusivamente musicais, hoje as possibilidades de divulgação de intérpretes e canções através das telenovelas são enormes, num processo que pode beneficiar ambas as partes: as tramas, que ganham um rico recurso dramático e de identificação, e a música popular, que ganha um espaço diário de divulgação. Tudo isso variando com as possibilidades artísticas e mercadológicas existentes em cada contexto.

Além disso, a música pode fazer parte da narrativa, como no caso das músicas de Guilherme Santiago e da banda Quatro Ponto Quatro, que falam da saga dos protagonistas, ajudando a compor as características dos personagens. Finalmente, no contexto da busca da Rede Globo por expandir sua programação para as novas mídias, a música se torna um auxiliar de peso, na medida em que conquista fãs que vão buscar as

informações em outras plataformas de comunicação e opinam sobre a maneira como a narrativa é conduzida.

Na era da convergência midiática, a música popular, que sempre se fez presente na programação televisiva, seja como protagonista da programação (na era dos festivais e musicais dos anos 60), seja como elemento extra de atração para o telespectador (nas telenovelas), faz um novo papel nas inovações pelas quais o gênero telenovela pretende passar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Heloisa Buarque. **Telenovela, consumo e gênero**: “muitas mais coisas”. Bauru: EDUSC, 2003.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil Antenado**: A Sociedade da Novela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**: a vida pelo vídeo. São Paulo: Moerna, 1988.

MOTTA, Nelson. **Noites Tropicais**: solos, improvisos e memórias musicais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio de. **O Livro do Boni**. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2011.

RIGHINI, Rafael. **A Trilha Sonora da Telenovela Brasileira**: da criação à finalização. São Paulo: Paulinas, 2004.

ROCHA, Everardo. **A sociedade do sonho**: Comunicação, cultura e consumo. Rio de Janeiro: Mauad Ed., 1995.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso** – Televisão, indivíduo e poder no Brasil. São Paulo: Cortez, 1990.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Site visitado:

“Rock Story”. <http://www.globo.com/rockstory>. Acesso em: 17 jun. 2017.